O POETA ANTÓNIO PEREIRA —O ESPANHOL

Por Joaquim de Montezuma de Carvalho

O diário «Notícias» (Lourenço Marques, 17-VII-71) publica um artigo do excelente escritor alentejano João Falcato. Intitula-se o artigo, «Poeta do mar algarvio» e gira em torno dum poeta português, natural do Algarve, de seu nome António Pereira. Um poeta com sabor a mar. Mar algarvio. Pelas poesias que Falcato nos transcreve, um bom poeta. Se este poeta português continuar pela vida fora a ser o poeta que é, se seus livros forem crescendo, uma dificuldade vai ter com seu nome. Vivo e em plena ascenção, há um magnífico poeta também chamodo António Pereira. Um Pereira não castelhanizado com «y», como o usou o grande historiador mexicano «Carlos Pereyra (1871-1944), cujo centenário ocorre este ano e não está sendo justamente celebrado quanto o merecia seu hispanismo reivindicador da obra civilizadora luso-espanhola em terras de América.

Dois poetas Antónios e Pereiras. Dois Antónios Pereiras. Dois Pereiras com um «i» bem português. O mais curioso é que o nosso, António Pereira (o português), é autor de «Notícias do Mar». O de Espanha, é autor de... «Cancionero de Sagres», coincidindo também no mar e num certo mar, o de Sagres, tão algarvio!

Há muito que estava para dedicar um estudo a António Pereira, poeta, contista e novelista, nascido em Villafranca del Bierzo, em 1923. O de João Falcato obrigou-me a sair da preguiça. Não devia calar por mais tempo a obrigação de falar a portugueses deste poeta espanhol tão amigo e enamorado de Portugal! O seu primeiro livro de versos, «El regreso», apareceu em 1964. O segundo, «Del monte y los caminos», foi editado em 1966. «Cancionero de Sagres» apareceu três anos depois, integrado na Colecção Arbole de livros de Poesia, uma colecção dirigida por Luís Lopez Anglada. Sobre este livro incidirá a nossa atenção.

António Pereira é autor de um livro de narrativas, «Una ventana a la carretera» (1967), que foi galardoado com o digno Prémio de Literatura Leopoldo Alas. É autor ainda de uma novela, «Un sitio para Soledad» (1969), um arriginalissimo empenho em analisar o comportamento duma emigrante espanhola, Soledad, em terras da Europa Central que buscou como fuga à pacatez e mediocridade do seu lugar de província e de provinciana. Depois desse baptismo estrangeiro, regressa à terra de origem. Uma novela que carinhosamente versa o clássico problema de «estas mocinas ciudades viejas, / de estas celosas urdes gitanas!», o problema — «oh, enjauladitas hembras hispanas» — tão sentido por António Machado (estas expressões são do poemma «Tierra Baja», in «Los Complementarios») e tão sentido também por Federico García Lorca, em «La Casa de Bernarda Alba».

António Pereira é um escritor que sabe exprimir-se por vários modos, mas sempre sincronizados em sua agudeza de poeta e de homem. Poeta, contista e novelista. E, num labor semanal, articulista de jornais e revistas, «La Vanguardia», de Barcelona, o jornal onde mais colabora.

Vi numa revista literária de Madrid uma foto de António Pereira. Homem alto, forte, com ar de coisa que vai ser disparada. Um homem de caminhos, com o instinto de viajar como a sua irrastafeita Soledad. Mas um homem que regressa sempre à nativa Villafranca del Bierzo. Este carácter nos irá explicar «Cancionero de Sagres» (1969, 90 págs.).

Gosto sempre de saber algo do lugar onde um escritor nasce. Nunca esqueço Taine. Busco uma guia de Espanha. «Y llegamos a Villafranca. Esta villa está situada en la confluencia de los ríos Valcarce y Burbia. Sobresale sobre el caserío la cuadrada mole de su señorial guarnecido de gruesos cubos; tiene además magníficas iglesias y notabilísimos conventos. Villafranca se formó a la sombra de una iglesia levantada por los monjes de Cluny que vinieron aquí a prestar servicios espirituales a los peregrinos de Santiago». O perfil começa a desenhar-se: um lugar de rios caminhantes, um lugar espiritual. Os peregrinos passavam por ele sôfregos de chegar a Santiago de Compostela. Olhavam sempre para trás. Villafranca dera-lhes descanso, bom vinho, água fresca. «El Bierzo está limitado por ásperas montañas, es exuberante en ríos, copioso en frutos, de clima el mas benigno de León, y en él se ve la vid y el olivo. Sin que falten las cumbres coronadas de perpetua nieve». Um lugar para um poeta ficar e cantar. Um lugar para sair em busca de outros mundos e regressar. Um lugar para morrer em paz como se nasceu. Entre oliveiras, serras nevadas e rebate de rios sonoros.

Unamuno viajou por toda a Ibéria. Não existiam fronteiras para seu sonho. Temos esse tesouro sagrado, «Por tierras de Portugal y de España» (1911). Alguns poemas deixou em que Portugal se ergue lutador e triunfador, apesar de «pueblo suicida». As botas de Unamuno, com poeira lusitana, ficaram arrumadas em Salamanca. Silenciosas. António Pereira foi a Salamanca e calçou essas adormecidas botas. Não repetiu os passos de Unamuno, porque nenhum homem se repete. Mas repetiu o exemplo passado de Unamuno. Atravessou a fronteira, entrou em Portugal, adentrou-se noutro mundo, não como mero turista distraído e ocioso. A Kodak levava-a no seu sangue de ibérico, sem orgulhos e desconfianças, receios e ressentimentos. Um turista-escritor, um turista-poeta, com vontade de penetrar no «outro» e palpitar com suas descobertas, seus encontros e desencontros.

O resultado de sua viagem de amor e conhecimento foi «Cancionero de Sagres», um livro repleto de poemas a Portugal. Há muitos, muitos anos que este fenómeno não acontecia. Penafiel, Ribatejo, Portalegre, o cemitério de Évora, o Mondego, Coimbra, Vila Real, a Serra do Marão, Amarante, Bracara Augusta (Braga), Porto, Lisboa, o Chiado, o Douro, Sagres, são os lugares por onde as botas de António Pereira cruzaram. O li-

(CONTINUA NA PÁG. 14)

O POETA ANTÓNIO PEREIRA

(CONTINUADO DA PÁGINA 5)

vro começa assim: «Que bien huele Portugal!/El aire de sus pinares/llega hasta Ciudad Rodrigo». Portugal cheira bem a este poeta de olfatos serranos. Por isso (assim finda o poema): «Para pasar la frontera/por el aroma me guío./Y nadie podrá decirme,/nadie,/ /que voy perdido».

Através do livro sentimos que António Pereira é homem de caminhos (a sua Villafranca del Bierzo era poiso de caminhos para Santiago). Por isso, para este poeta de caminhos, «los portugueses van o vienen, / silenciosos hasta los huesos», «los portugueses andan eternamente y sin remedio».

Há caminhos e caminhos. Li e reli o livro para localizar estes caminhos. O seu título, «Cancionero de Sagres», logo nos induz que António Pereira terá escolhido, para cantar Portugal, os caminhos do mar, os caminhos que começam onde Sagres termina com seus pés de granito metidos na água. Puro engano. Este poeta não é dos que embarcariam em Palos de Moguer, com Cristóvão Colombo, rumo a terras desconhecidas.

E, se fora luso quinhentista, com Vasco da Gama, rumo ao Oriente das Índias. A este poeta espanhol, mais a mais poeta duma geração que nasce à sombra de António Machado, terá impressionado o poema «El viajero» com que as Obras Completas do grande mestre da poesia se iniciam. O viajante chegou à casa dos seus. Em jovem largara «hacia un país lejano».

Aí perdeu, longe dos seus, a juventude. Vem pálido de lugares remotos. O regresso do viajante tantos anos ausente «deveria» ser acolhido com risos e abraços Mas... é como se todos, pais e filhos, irmãs e irmãos, estivessem comprometidos. O silêncio é que perdura! Um silêncio de tristeza. Assim, termina o poema: «Nosotros divagamos./ En la tristeza del hogar golpea/ el tictac del reloj. Todos callamos».

O que quis significar António Machado? O poema «El Viajero» abre o primeiro livro de Machado. O livro editou-se em 1903. Mas Machado datou o seu poemário «Soledades» entre 1899-1903. Foi um poema elaborado com o clima da perda de Cuba, em 1898, a última província ultramarina espanhola a escapar-se do mando de Madrid. Machado pertenceu a uma geração que pensou: — valeu a pena tanto sacrifício espanhol por terras distantes? Vale a pena deixar a terra de nascença, deixar os pais, deixar os irmãos? E regressar pálido, com febres, tantas vezes na mesma penúria?

A psicologia de António Pereira é a dum perfeito bisneto da geração de António Machado, também conhecida por «geração de 98». O espanhol, o ibérico, não deve emigrar. Perca a sua juventude entre os seus, faça crescer os trigos de seus campos e navegue nos seus rios. O seu poemário é como meditasse e ao chegar a Sagres dissesse ao adormecido motnstro: — eu não te amo!

Sim, nem todo o ibérico tem vocação ultramarina. Agora estou certo de ir dar uma novidade a António Pereira, colaborador de «La Vanguardia», de Barcelona. É que o próprio Machado escreveu nesse diário catalão, no dia 15 de Nov. de 1938, pouco tempo antes de morrer, um «Glosario de los 13 fines de Guerra» sobre a guerra-civil que dilacerava o povo espanhol.

Em Espanha poucos conhecerão hoje esse texto, nunca reunido em livro. Nesse texto algo diz Machado que desvirtua «El Viajero». Escreveu Machado (a muitos parecerá mentira): «España ha sido, en efecto, un pueblo de conquistadores; América es su gesta inmortal. Pero España no ha conquistado nunca para sí misma, no ha sido nunca un pueblo de presa, como lo han sido otros muchos. Sus conquistas en América van precedidas del descubrimiento de un continente, de todo un mundo nuevo. La gran gesta española es la conquista de la naturaleza, si queréis, de la geografía para la Historia». Assim, resumiu o liberal António Machado... o «império espanhol»! Quem o diria, dentro da perspectiva de sua geração e num momento tão sangrento e difícil?

Amigo António Pereira busque esse número de «La Vanguardia», nos nossos dias ilustrada com sua presença. Machado tinha costela portuguesa. Juan Ramón Jimenez, por isso e mais, lhe chamou «poeta español portugués». Sim, é como se Machado tivesse dito o seu juízo para Espanha e Portugal.

Sagres não indica conquista, presa, império. Apenas significa... a conquista da natureza, a domesticação da geografia para a História. «Os Lusíadas» não são um poema de espadas que venceram povos.

Nasceram por causa da «Sagres», mas a única vitória cantada é a dos bravios mares domesticados, a do Gigante Adamastor amansado, a de continentes abertos e inaugurados para a História (e não para historietas). Por isso, amigo e fino poeta, aquele solitário promontório de Sagres habita e é amado por muitos corações ibéricos. Há os que deixam o lar paterno para trás. Mas como, entre saudades e impaludismos, se sentem cósmicos!

Tinha de me exprimir assim a este poeta, mais a mais porque o observo um excelso continuador da poesia de Machado. Curiosamente, «Cancionero de Sagres» recorda o poeta de Sória no poema «Carta a Gonzalez Alegre», neste verso: «Duero de Don Antonio». Não pode ser outro senão Machado e aquele Douro que beijava os choupos e álamos de Sória, a fria. E como senti a Machado no poema «La espera», onde António Pereira canta os pacíficos montanheses! Logo me lembrei do poema machadino, «He andado muchos caminos», que se segue a «El Viajero»! Machado canta os homens do campo: «Y no conocen la prisa/ /ni aun en los días de fiesta./ Donde hay vino, beben vino;/ donde no hay vino, agua fresca»; r e m a t a n d o: «Son buenas gentes que viven,/ laboran, pasan y sueñan,/ y en un día como tantos/ descansan bajo la tierra». O de António Pereira, cheio de homens simples do campo e da montanha, termina assim: «En los zaguanes aguardan,/ callados, quietos y en paz./ Va a ponerse el sol. Pero ellos/ no se cansan de esperar».

Há um gosto a Machado também porque António Pereira é fiel à tradição dos romanceiros. E já um Juan Ramon Jimenez dissera numa conferência sua, em Puerto Rico (1954): «El romance (el poema español escrito en verso octasílabo una acepción de la voz Romance) he dicho siempre que es el pie métrico sobre el que camina toda la lengua española, prosa e verso, que es lo mismo en cuanto a la lengua, ya que el verso sólo se diferencia de la prosa en la rima asonante o consonante, no en el ritmo». E na portuguesa. Por que impera o octassílabo? Porque a sua toada é íntima, desfalecida, dolente, magoada, conjugando-se bem com a alma popular (a nostalgia, a saudade, o amor). Que a sua ausência se verifique em alguns períodos da literatura, não significa isso não existência. Melhor, não significa que não seja o ritmo mais do povo. E que pode um professor português (o dr. António Coimbra Martins) ao pé de um poeta como Juan Ramón Jimenez? Felizmente que a cantiga mais antiga portuguesa — e para D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, a primeira manifestação da literatura lusa —, vem moldada em octassílabos! Cada vez acredito menos em catedráticos, em questões literárias. Ouço, sim, os juízos dos poetas e criadores, esses com a fina cátedra do gosto e da sensibilidade. E também, da muita cultura.

Alma do povo, há aos montes no «Cancionero de Sagres». E ironias. «Si para entonces todavia hay trapos/ si para entonces todavia hay hijos», conjectura o poeta sobre um futuro electrónico, atómico, astronómico! Visita Braga e a sua catedral. Quase vai perguntar a um padre se sabe de D. Frutuoso, antigo bispo de Braga, natural de Villafranca del Bierzo, e seu parente. Mas não pergunta: «Y al canónigo? Menos,/ bastante les importa a los canónigos./ De manera/ que Braga va a dolerme para simpre/ /porque nadie advirtió que aquele su obispo,/ Frutuoso llamado,/ era p a i s a n o mio, quizaz algo pariente». E, entre ironias, rios e trigos, muitos poemas sociais. Os melhores: «Oporto, Sir?» e «Fado de la Limpiadora». António Pereira (o espanhol), um magnífico poeta ibérico.